

Vocabulário do campo semântico *acidentes geográficos* em *O Castanheiro (2001)*, de João Brasil

Vocabulary of the semantic field Geographic Accidents in O Castanheiro (2001), by
João Brasil

Submetido em: 13/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Renan Torres da Costa¹
Eliane Pereira Machado Soares²

Resumo: Este trabalho apresenta o vocabulário do campo semântico Acidentes Geográficos na obra *O Castanheiro (2001)*, do escritor João Brasil, da cidade de Marabá, estado do Pará. Ele é autor de 11 obras não ficcionais, de caráter memorialista que retratam a história da cidade em diferentes períodos. Os resultados aqui apresentados são um recorte da pesquisa fomentada pelo CNPq, intitulada “Vocabulário de João Brasil”. Essa pesquisa tem por objetivo reunir dados para a elaboração do vocabulário representativo do autor a fim de ser descrito os itens lexicais do campo semântico identificado, relacionando-se, portanto, ao universo físico, histórico e cultural da cidade de Marabá-PA. O referencial teórico e metodológico remete à análise léxico-semântica de lexias organizadas por campos semânticos conforme Abbade (2009; 2011; 2012) e Faulstich (2010), assim como aos estudos da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. A organização do vocabulário se faz por meio de ficha catalográfica, de forma semasiológica. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética, com as respectivas informações gramaticais, definições e remissivas. Para tanto, os dados lexicais foram manipulados por meio do programa computacional Lexique Pro, que permite construir dicionários eletrônicos. Foram identificados 22 vocábulos, que estão apresentados no campo semântico que este trabalho se propôs a trabalhar.

Palavras-chave: Léxico; Cultura; Campos lexicais; Vocabulário; João Brasil.

Abstract: This paper presents the vocabulary of semantic fields Geographic Accidents of the work *O Castanheiro (2001)*, by writer João Brasil, from the town of Marabá, state of Pará. He is the author of 11 nonfiction works of a memorialist character that mostly portray the history of the city in different periods. The results presented here are a part of the research promoted by CNPq, entitled “Vocabulário de João Brasil”. The research aims to gather data for the elaboration of the representative vocabulary of the author in order to carry out an analysis semantic of the identified semantic fields, thus relating to the physical, historical and cultural universe of the town of Marabá-PA. The theoretical and methodological framework refers to the lexical-semantic analysis of lexias organized by lexical fields according to Abbade (2009; 2011; 2012) and Faulstich (2010), as well as studies in Lexicology, Lexicography and Terminology. The organization of vocabulary is done through a catalographic form, in a semi-asian way. The entries are presented in alphabetical order, with their grammatical information, definitions and remissives. Therefore, the lexical data will be manipulated through the Lexique Pro computer program that allows the construction of electronic dictionaries. We identified 22 words, which are presented in the lexical field that this work proposed to work on.

Keywords: Lexicon; Culture; Lexical fields; Vocabulary; João Brasil.

¹ Graduado em Letras Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1713212585197387>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2803-0741>. E-mail: torres.renan181@gmail.com.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Associado I da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6059414959775854>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-2371-3236>. E-mail: eliane@unifesspa.edu.br.

Introdução

A linguagem é, sem dúvida, uma das maiores manifestações culturais, uma vez que é por ela que os indivíduos expressam as características das comunidades linguísticas em que estão inseridos. Dessa maneira, a língua de um povo constitui-se como fruto social, estabelecendo vínculo com a cultura, identidade e memória. Diante disso, os estudos linguísticos, principalmente no que se referem ao léxico, buscam analisar, descrever e refletir a relação entre os indivíduos e o ambiente sociocultural em que eles se inserem.

A língua, por meio da cultura, evidencia e constrói os traços identitários dos sujeitos ao representar os aspectos ligados à história e, conseqüentemente, à memória local. Portanto, ao estudar o léxico de uma língua é imprescindível relacioná-lo com os aspectos que envolvem esses eixos.

Com isso, este trabalho tem suas motivações tanto no aspecto cultural quanto linguístico. Ao estudar o léxico de João Brasil, emergem os fatos culturais e linguísticos, sobretudo na obra *O castanheiro* (2001), foco deste estudo. No caso deste trabalho, no nível lexical, refletem-se as memórias, os valores, os costumes da região. Sendo assim, a investigação contribui para compreender a variedade do português falado no sudeste do estado do Pará e para conhecimento da formação sócio-histórica do passado e do atual momento da região. Desse modo, o vocabulário que apresentamos neste trabalho tem como objetivo descrever o campo semântico dos Acidentes Geográficos do vocabulário de João Brasil na obra *O Castanheiro* (2001), com o intuito de contribuir com estudos lexicológicos de caráter regional.

O escritor João Brasil é um dos nomes mais marcantes da história de Marabá-PA e região. Nasceu em Altamira no ano de 1926 e atuou como piloto de motores, garimpeiro, político, além de ser escritor. Também fundou duas academias de letras na região. O escritor faleceu aos 95 anos, em 2021, e deixa um legado de onze (11) obras memorialísticas ao retratar a região Sul e Sudeste do estado do Pará, especialmente a cidade de Marabá-PA.

Em *O Castanheiro* (2001), o autor apresenta um período denominado ciclo da castanha na história econômica da cidade de Marabá-PA. Essa obra possui caráter memorialístico, sendo, portanto, não-ficcional, ao retratar a vida dos homens que

trabalharam a serviço da castanha. Pode-se até dizer que a castanha é a personagem principal desta obra. Por esta razão, a escolha dessa para a constituição deste vocabulário se dá por ser uma das obras de João Brasil mais representativas com marcas linguísticas da região do sul e sudeste do Pará. Assim, trouxemos os acidentes geográficos, constituído de rios, lagos, praias etc., por ter sido um dos principais expoentes da exportação da castanha durante seu ciclo econômico.

A metodologia do vocabulário baseia-se nos princípios de elaboração de dicionários. Assim, recorreremos às obras de João Brasil a fim de selecionar o *corpus* da pesquisa. Desse modo, a obra *O Castanheiro* (2001) foi selecionada e dela foram coletadas as unidades léxicas, para, então, ser constituído o verbete (Vasconcelos, 2003; Velasco, 2003; Frubel; Isquero, 2004), partindo de uma perspectiva semasiológica³ de obra léxica. Por fim, a organização do vocabulário foi realizada por meio do programa computacional *Lexique Pro*, uma vez que é um *software* que possibilita criação de obras léxicas de forma automática.

Este trabalho divide-se nas seguintes seções: (i) Língua e sociedade - é discutido a relação do léxico com a cultura, a identidade e a memória dos sujeitos de uma sociedade; (ii) Reflexões sobre o léxico - aborda seu conceito, a princípio, e os enfoques de cada uma das ciências do léxico; (iii) Compreendendo os campos semânticos - é apresentado a definição e as dificuldades que o linguista pode enfrentar; (iv) Contextualizando: Marabá, João Brasil e *O Castanheiro* - é discorrido, de forma breve, a formação da cidade do sudeste paraense, a biografia do escritor da e a obra selecionada; (v) Metodologia - descreve de maneira mais detalhada o percurso do vocabulário; (vi) Amostra do vocabulário - apresenta a obra léxica da pesquisa; (vii) Considerações finais - trata das conclusões da pesquisa.

Língua e sociedade

Não existe sociedade humana sem língua ou língua sem falantes. Desse modo, as línguas são representações das relações socioculturais da região onde estão inseridas; a memória e a cultura de um povo são resgatadas por meio das palavras

³ De acordo com Miranda (2007), a perspectiva semasiológica parte da unidade lexical para se chegar a um significado a ela relacionada.

proferidas por tal. Assim, tudo que acontece na sociedade, se manifesta na língua em seus diferentes níveis. Portanto,

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais etc. de quem a profere. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela fala, pois cada povo tem sua língua e sua história. [...] A linguagem faz parte da sua história (Abbade, 2012, p. 141).

A realidade vivida e experienciada por uma determinada comunidade é refletida na língua, por intermédio do léxico, pois este é o nível lexical que denomina a realidade. Assim, estudar o léxico de uma língua é também estudar a formação de um povo, uma vez que língua e cultura são dois eixos intrinsecamente ligados.

À luz do exposto, a história do povo é construída por intermédio da língua: “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (Calvet, 2002, p. 12). Desse modo, para que a língua se mantenha viva, é necessário que haja um grupo de falantes que a utilizem e, com isso, possibilite que a história dessa comunidade possa ser contada.

Ademais, a comunidade é ligada mediante o envolvimento cultural, sendo a comunicação pela língua um produto importante para que haja um repleto desenvolvimento do grupo social. Diante disso, Laraia (2001) afirma que a cultura só existe pelo fato de haver um sistema linguístico oral⁴: “A comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (Laraia, 2001, p. 52).

Antunes (2012) e Abbade (2014) abordam a importância do léxico como reflexo sociocultural. A primeira diz que “todas as palavras remetem ao conhecimento que um homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa” (Antunes, 2012, p. 28), sendo assim, o léxico de um grupo ecoa as suas próprias experiências. Por sua vez, a segunda autora afirma que “atualmente não há dúvida de

⁴ Abrimos uma problematização ao dizer que não é apenas oral, pois há também manifestações linguísticas gestuais.

que estudar o léxico de uma língua é estudar a história e a cultura de quem utiliza essa língua” (Abbade, 2012, p. 144). Com isso, temos a constatação de que a cultura está imbricada na comunicação e na língua, por intermédio do léxico. Além disso, ela ainda completa afirmando que

A linguagem é um conjunto de tradições, histórias, aprendizagens, que uns e outros vão adquirindo ao longo de sua existência e que corresponde a um aprendizado coletivo. Apesar de a língua ser individual, ela faz parte de um saber coletivo que se expressa de acordo com a sua história linguística (Abbade, 2012, p. 147).

Dessa maneira, apesar de a língua ser considerada individual, ela abrange todos os conhecimentos e as experiências da comunidade em que está inserida. Em virtude de tal fato, também, ela carrega os traços identitários.

A nossa linguagem diz de onde somos, carrega nossas culturas, por isso, ao adentrarmos em alguma comunidade linguística diferente da nossa, seremos identificados como indivíduos de outro grupo, ou seja, “nos grupos em que atuamos ou naqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos” (Antunes, 2012, p. 46).

Krieger (2010) discute essas relações do léxico com a sociedade da seguinte forma:

O léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel de maior denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também assegura a permanência do pilar comum de palavras, condição necessária a comunicação, independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas (Krieger, 2010, p. 169-170).

Em suma, o léxico de uma língua reflete as relações socioculturais de um povo, ao denominar as experiências e os aspectos do mundo humano, contribuindo para formação identitária dos sujeitos da comunidade. Contudo, essas relações são dinâmicas, o que, também, tornam as línguas fenômenos em constante transformação, sendo inerentes e constitutivas das sociedades humanas.

Reflexões sobre o léxico

O léxico de uma língua comporta todos os elementos, fenômenos e experiências de determinado povo. Assim, o conjunto de todas as palavras de uma língua formam o seu léxico. Conforme postula Biderman (1998, p. 11),

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

A nomeação das coisas pelo homem demonstra a vivência sociocultural no local de pertencimento dos nativos. Com efeito, fica evidente que a língua é o grande patrimônio dos povos, pois é por meio dela que o grupo se identifica e mantém ligação. Segundo Oliveira e Isquierdo (1998), o léxico permite conhecer toda a sociedade, visto que a língua está intrinsecamente ligada à história, à cultura e à memória. As autoras apontam que

O léxico configura-se como a primeira via de acesso à um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver um mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, e transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, O léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade (Oliveira; Isquierdo, 1998, p. 7).

Antunes (2012) afirma que o léxico

é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mais, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para o outro, de um tempo para o outro. (Antunes, 2012, p. 29)

Portanto, o léxico é grande componente da língua, pois da mesma forma que não há língua sem gramática, certamente, não haverá língua sem léxico; ele é a matéria-prima da língua.

Os estudos sobre as palavras cabem às ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Elas estudam suas origens, como se comportam na sociedade, quem são seus falantes, dos significados, reunindo-as em compilações léxicas.

No entanto, são duas as ramificações que ocupam grande parte dos estudos acerca do repositório léxico de língua: “disciplinas tradicionais que estudam ‘léxico: a lexicologia e lexicografia” (Biderman, 1998, p. 13).

A Lexicologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a palavra em si, pois, a partir dela, tem-se a busca em identificar sua categoria gramatical e o significado (Biderman, 1998). Sendo assim, a Lexicologia é o estudo das ciências do léxico (Barbosa, 1992). Dessa maneira, após a identificação desses itens lexicais são geradas as definições, além de categorizar sua função dentro das classes gramaticais.

A Lexicografia, por sua vez, tem por objetivo reunir os dados lexicológicos em compilações de língua, os dicionários. Segundo Biderman (1998, p. 15), “a lexicografia é a ciência dos dicionários”. Os registros descritos em uma obra léxica servem para salvaguardar o léxico da comunidade linguística. Barbosa (1992, p. 155) corrobora ao afirmar que “a Lexicografia é a técnica dos dicionários”. Vale ressaltar que essa ciência é muito antiga, mas ela só começou a ser desenvolvida no início da modernidade (Biderman, 1998).

Além das duas mais importantes, temos a Terminologia, que é uma área dos estudos lexicais que estudam uma língua de especialidade. Biderman (1998) chama a língua de especialidade de subconjunto do conhecimento humano: “a terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano” (Biderman, 1998, p. 17). Contribuindo com a assertiva, Barbosa (1992, p. 157) define a Terminologia como um “conjunto de palavras técnicas ou científicas, que, como já foi assinalado, constituem o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área de conhecimento”.

Para salvaguardar o léxico de uma língua, foram criados os dicionários, que formam um conjunto de palavras de uma língua, mesmo que eles sejam uma tentativa de abarcar todas as palavras do idioma falado em um território, segundo Biderman (1998). Assim, os dicionários são comumente os repositórios da língua geral falada por

um povo. Por isso, além dos dicionários, existem os glossários e os vocabulários para registrar o que os dicionários não abarcam. Também, eles surgem com a mesma finalidade dos dicionários, mas cada um possui um direcionamento distinto.

Para Biderman (1998), os dicionários são considerados importantes aliados da comunidade linguística, pelo fato de agregar o tesouro lexical de língua em dado momento histórico. Esse registro da língua possui informações importantes sobre as unidades lexicais, pois “contém informações de natureza fonética, gramatical, conceitual, semântica, referencial” (Faulstich, 1995, p. 5). Assim, um dicionário além do registro dos itens lexicais de uma língua, também, agrega as informações sobre repertório sociocultural da língua, trazendo as informações de natureza linguística e cultural de cada unidade significativa falada pelos sujeitos falantes.

Em virtude do discutido, concluímos que as obras léxicográficas são bastante importantes e necessárias no armazenamento da língua, uma vez que as palavras mostram a vivência biossocial dos nativos por meio da linguagem. Dada essa importância, podemos dizer que as palavras emitidas por cada membro remetem à experiência da comunidade linguística na qual os sujeitos estão inseridos, e o dicionário, de uma forma poética, “é apenas o espaço onde elas esperam que as apanhemos para levá-las até nossas moradas” (Antunes, 2012, p. 47).

Compreendendo os campos semânticos

A teoria dos campos semânticos – ou campos léxicos – foi elaborada pelo linguista espanhol estruturalista Eugênio Coseriu (1981) com o objetivo de criar um método da semântica estrutural. Ao tratar dos campos lexicais, as unidades léxicas estão em certos lugares da ordem da fala, contribuindo para a formação de um sistema de oposições. Assim, para ele, “Un campo léxico es un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre sí por diferencias mínimas de contenido léxico” (Coseriu, 1981, p. 135).⁵

⁵ “Um campo léxico é um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), que se subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo lexical” (Coseriu, 1981, p. 135).

Com base na teoria, Faulstich (2010) considera que

Um campo lexical é, do ponto de vista estrutural, um paradigma que resulta da repartição de um conteúdo lexical contínuo entre diferentes unidades de uma dada língua, entendidas como palavras; o conteúdo se opõe, imediatamente uns e outros, por meio de traços distintivos mínimos. (Faulstich, 2010, p. 193)

Abbade (2011) esclarece sobre o que seriam os campos lexicais, uma vez que eles representam um todo articulado e com postos hierárquicos. Ademais, ela demonstra que as palavras possuem dependência uma das outras, atribuindo o significado às palavras que estão próximas, com isso, é constatado que as palavras só terão significação a partir do conjunto do campo:

Os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas a maneira de um mosaico: o *campo léxico*. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só terão sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. (Abbade, 2011, p. 1332, grifos da autora)

É importante a noção de que o conceito de campos semânticos, ao longo do tempo, segundo Abbade (2009), sempre recebeu algumas críticas pelo fato de não haver um método preciso.

Faulstich (2010) menciona que os campos são representados por uma palavra arquilexemática – que tem o mesmo valor de apenas um campo. Entre um e outro arquilexema pode ocorrer uma oposição de maneira imediata. Também, é válido lembrar que os campos podem estar dentro de outros campos; nos campos macros, existem os campos micros. A exemplo, temos os trazidos por Faulstich (2010), agredir – como macro – e executar e esfaquear – como campos micros. Portanto, “é preciso dizer que as relações internas de um campo lexical, como estrutura de conteúdo, são

determinadas pelas identidades e diferenças que constituem o campo de fato e pelas oposições semânticas que funcionam ali dentro” (Faulstich, 2010, p. 194).

Além disso, delimitar quais termos fazem parte de um determinado campo lexical não é uma tarefa simples, é necessário, antes de tudo, conhecimento vocabular e um olhar aguçado para identificar e classificar um termo na constituição de um campo. Nunes (2014, p. 37) sustenta a seguinte ideia que

Delimitar um campo lexical é ter consciência de seus limites em uma dada realidade linguística, pois as lexias se reunirão não apenas pelo fato de possuírem significados parecidos, mas por possuírem também um mesmo traço semântico, uma mesma característica fonética, fonológica ou, ainda, morfológica, e que os une pelo compartilhamento de uma mesma situação, finalidade, texto, regularidade, paradigma ou sentido de linguagem.

Como é uma tarefa difícil para o linguista identificar e definir em qual campo pode ser classificada a lexia, a teoria dos campos não é consenso entre os estudiosos, pois há problemas difíceis de resolver ou até mesmo sem solução, conforme Abbade (2011). Porém, muitos trabalhos a utilizam porque abrangem os conhecimentos, manifestações e experiências dessa sociedade e que podem ser classificadas pelo teor cultural, além do linguístico.

Contextualizando: Marabá, João Brasil e *O Castanheiro* (2001)

A cidade de Marabá-PA, retratada na obra de João Brasil, é berço de uma cultura diversificada devido à forte migração que sofreu ao longo dos anos. Ela está situada na mesorregião Sudeste do estado do Pará, cerca de 500 km da capital, Belém. Atualmente, é uma das cidades mais importantes do estado, até mesmo da Amazônia, por ser um grande polo exportador de minério. A população do município, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de acordo com o censo de 2022, tem 266.536 habitantes distribuídos em uma área 15.128 km². A história da cidade é configurada pelos inúmeros ciclos econômicos e intensos fluxos migratórios que vieram em virtude de trabalho. Dentre os ciclos econômicos, pode-se destacar do caucho, da castanha-do-Pará, do diamante e do minério.

Por sua vez, João Brasil Monteiro é paraense de Altamira e um dos nomes mais marcantes na história de Marabá-PA e região por ter sido piloto de motores, garimpeiro, político e escritor. Nasceu no dia 25 de maio de 1926, sendo filho de dona Juvenília Benício Costa e seu Antônio Rodrigues Monteiro. Aos 5 anos de idade fica órfão de pai, o que fez sua mãe sair da zona rural de Altamira em busca de seus avós, João da Costa Brasil e Júlia Benício Brasil, porém não os encontram, já que haviam se mudado para Bragança e depois para Alcobaça – atualmente, Tucuruí-PA. Assim que houve o reencontro, a família encaminha-se para a cidade de Marabá-PA (Costa; Soares, 2019). Aos dezoito (18) anos, encontra aquela que seria sua mulher, Dona Izabel Rodrigues Macedo, “passando na Rua Nova eu vi uma moreninha no canto da porta e achei bonita. Eu olhei e ela baixou os olhos” (Brasil, 2013) e que se finda com o falecimento de sua amada no ano de 2017. Em 13 de março de 2021, João Brasil nos deixa com um legado excepcional, dentre os quais destacamos as criações das Academias de Letras do Sul e Sudeste do Pará (ALESSP) e a Academia de Letras de Marabá (ALMA) e suas onze (11) obras de cunho memorialístico.

Para este trabalho, selecionamos apenas uma das obras desse grande escritor por ser uma das mais representativas no que tange as marcas linguísticas da cultura de Marabá e região. A obra *O Castanheiro* foi publicada no ano de 2001. Ela possui 90 páginas, em que é apresentado um dos ciclos econômicos mais significativos da história de Marabá-PA, a coleta de castanhas. Na obra, o autor relata a formação desta cidade e como a castanha do Pará trouxe uma grande prosperidade econômica, conhecido como ciclo da castanha. É válido ressaltar que é uma obra não ficcional e possui caráter memorialista; são pequenos relatos de alguns temas acerca da castanha da época do ciclo econômico do período.

Dentre os vários aspectos, o autor memorialista descreve a vida dos homens nos castanhais, que chegaram à cidade e a transformaram na capital mundial da castanha na pós-Primeira Guerra. É relatado o trabalho realizado pelos castanheiros, e como era a extração da castanha em Marabá e o trajeto até Belém do Pará, onde era exportado para o resto do mundo. Cujo transporte era realizado pelo rio Tocantins, o primeiro meio de escoação, sendo esse meio utilizado por muitos anos.

Portanto, a obra retrata vida da população marabaense diante da castanha, pois foi uma das épocas que a cidade teve grande reconhecimento, o que gerou, também, um enorme fluxo migratório. A castanha é, sem dúvida, a personagem principal e por conta dela são produzidas essas memórias, porque, conforme João Brasil (2001), mesmo tendo algumas lacunas, a obra propõe que lembranças do processo histórico deste município não sejam perdidas.

Metodologia

O percurso metodológico utilizado neste trabalho baseia-se nos princípios da elaboração de dicionários. Assim, discutimos a macro e microestrutura que são imprescindíveis na constituição da obra léxica. Além disso, há uma explicação do programa computacional utilizado para elaboração das fichas léxicas.

Uma obra léxica – dicionários, vocabulários, glossários – é dividida em macro e microestrutura. Conforme Miranda (2007), a lexicografia estabelece esses conceitos a fim de ter uma ferramenta metodológica mais aprimorada. Assim, a “Macroestrutura’ é tudo aquilo que tem a ver com a progressão vertical do dicionário” (Miranda, 2007, p. 262).

A primeira fase de nossa pesquisa foi a seleção da obra, que nos serviu como *corpus*. A fase seguinte foi a leitura e coleta de itens lexicais e respectivas definições, ainda sem auxílio de um software. A última foi a inserção dos itens lexicais no programa computacional *Lexique Pro*.

O *Lexique Pro* é um *software* que possibilita a criação de uma ficha terminológica sem o risco de se deixar perder dados, haja vista que “[...] foi desenvolvido especialmente para elaboração de glossários e dicionários eletrônicos” (Lima; Martins, 2014, p. 259), além de ter a possibilidade de exportação de documento em formato *Web* e *Word* e incluir imagens – em formato jpg – e som – em formato mp3 e avi. A escolha deste programa deu-se pela razão de ser uso gratuito e pelo fácil manuseio na organização dos itens lexicais. Além disso, ele deixa de salvo e organiza os itens lexicais e ao finalizar a inserção no programa, tem-se a possibilidade da disponibilização da obra léxica de maneira *online*. Em virtude disso, o *Lexique Pro* foi essencial para a organização e sistematização ao passo que eram inseridos os itens lexicais.

Ademais, é importante dizer que os resultados desta pesquisa são um recorte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Vocabulário de João Brasil”, tendo sido iniciada em 2017 e finalizada no ano de 2020, com o fomento do CNPq. O objetivo principal do trabalho é o de elaborar um vocabulário do autor regional João Brasil, uma vez que sua obra traz unidades léxicas que remetem ao estilo do autor, ao mesmo tempo que evidencia os aspectos socioculturais da cidade de Marabá-PA. A identificação dessas unidades teve como principal critério o fato de remeter a aspectos próprios da realidade retratada nas obras, no que diz respeito ao universo biossocial, sendo, portanto, possível, caracterizar a linguagem presente na obra como representativa do falar regional.

O vocabulário do campo semântico *acidentes geográficos* está organizado em macroestrutura e microestruturatura. A macroestrutura adotada demonstra os 22 (vinte e dois) itens lexicais distribuídos no campo semântico *acidentes geográficos* em ordem alfabética, acompanhados de informações gramaticais, definição, contexto, nota, forma dicionarizada e remissiva. Esses itens foram reunidos dentro de uma categoria diante a semelhança semântica que existe entre eles.

Ao passo que a coleta foi realizada, as unidades lexicais foram separadas e alocadas em cada campo semântico relativo à sua categoria. Sendo assim, este vocabulário se apresenta como semasiológico, pois são constituídos os *significados* dos *significantes* selecionados. A organização das unidades lexicais dá-se em *Acidentes geográficos*: composto de unidades lexicais que nomeiam os rios, lagos, praias, relevos, montanhas, etc.

A microestrutura do vocabulário está organizada obedecendo a seguinte estrutura, segundo modelos propostos por Vasconcelos (2003), Velasco (2003) e Frubel e Isquerdo (2004):

**Termo entrada + categoria gramatical + definição + contexto + nota +
remissiva + forma dicionarizada**

Amostra do vocabulário

O vocabulário, a seguir, traz as amostras do campo semântico da obra de João Brasil: *Acidentes geográficos*⁶ – lexias que nomeiam os rios, lagos, praias, relevos, montanhas, etc. Neste campo, a saber, foram identificadas 22 (vinte e duas) unidades lexicais.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

Cachoeira das tabocas

s.f. Parte do rio Tocantins rumo à Alcobaça (atual Tucuruí-PA), pela qual trafegava os barcos carregados de castanhas. “E pela primeira vez, assim que ajuntaram um volume considerável, carregaram com castanhas dois batelões que, acionada a remos desceram o Rio Tocantins, transpondo às perigosas cachoeiras das tabocas até Alcobaça, onde previam negociá-las.” (p. 35).

Dicionarizado.

Cachoeira do colete

s.f. Parte do rio Branco, trafegado por castanheiros em busca de castanhas. “Após dias de viagem, vislumbraram o primeiro empecilho, a cachoeira do Colete, e ali juntaram-se e lamentavelmente, comprovaram que a farinha que traziam havia terminado.” (p. 61). Não

Dicionarizado.

Calha rasa

s.f. Parte do rio, à cerca 120 km da margem do rio Itacaiunas. “Ao transporem a calha rasa do rio Itacaiúna, deixando à retaguarda mais 120 quilômetros [...]” (p. 20). Dicionarizado.

Calhas de grotões

s.f. Canais ligados às cavidades formadas pelas água dos rios e das chuvas, para escoar água a fim de se evitar poças e alagamentos. “[...] limpeza em picadas, estradas pera tangidas de burros, calha de grotões e igarapés, mata-burros e pequenos pontilhões.” (p. 55). Dicionarizado.

Igarapé

s.m. Rio de pequena largura, cercado por mata e que deságua em rios. Os igarapés são muito comuns na região, por eles navegavam caucheiros, castanheiros e demais moradores da região. “Com o tempo, outros batelões de menor porte foram construídos com linhas apropriadas a navegação em rios e igarapés, em razão das dificuldades que enfrentariam [...]” (p. 41).

Dicionarizado.

Perímetros encachoeirados

s.m. Partes dos rios Tocantins e Araguaia que ofereciam grandes riscos à navegação de barcos de transporte de castanha. “Mesmo porque, em perímetros encachoeirados, não há técnica de ponta, capaz de superar o raciocínio rápido e habilidade do Piloto ao desviar a embarcação de

⁶ Entende-se como acidentes geográficos qualquer mudança ou transformação em solo terrestre e com usos de expressões como “região acidentada”, “relevo acidentado” ou “terreno acidentado” (Medeiros, 1973). Além disso, podem ser de dois tipos: naturais ou artificiais. No caso deste vocabulário, atribuímos apenas as formas naturais.

pedras, rebojos, mareasias e funis, ao transpor empecilhos naturais dos caudalosos rios Tocantins e Araguaia.” (p. 56). Não Dicionarizado.

Pium

s.m. Nome de Igarapé, do lado esquerdo do Rio Itacaiunas, em cujas margens se encontravam castanhais devolutos do Estado, os quais foram explorados a partir de 1958, depois da queda do caucho no mercado. Posteriormente essa área tornou-se reserva indígena. “Como opção, em 1958 ocuparam-se os castanhais devolutos do Estado à margem do Igarapé Pium, tributário esquerdo daquele rio, onde passaram a extrair castanhas.”(p. 62). *Note:* Termo com outra aceção. Dicionarizado.

Rio Água Suja (Sororó)

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Águas Claras

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Aquiri

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Branco

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] e adentrou o Rio Branco junto com mais dois castanheiros, e de quando e quando margeavam o rio a pés [...]” (p. 61). Dicionarizado.

Rio Cateté

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Cinzento

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus

afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Itapirapé

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Parauapebas

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Pium

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Preto

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Salobro

s.m. Afluente esquerdo do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Vermelho

s.m. Afluente direito do Rio Tocantins, pelo qual trafegavam barqueiros, castanheiros e garimpeiros. “[...] no caudaloso Rio Tocantins, que tem 555 quilômetros de extensão e seus afluentes direitos tem os seguintes nomes: Rio Águas Claras, Rio Branco, hoje Parauapebas, Vermelho, Água Suja, ou Sororó e pela margem esquerda, os Rios Cateté, Pium, Aquirí, Salobro, Cinzento, Itapirapé e Preto.” (p. 17). Não Dicionarizado.

Rio Volta Grande (Aquiri)

s.m. Afluente da margem esquerda do rio Itacaiúnas, faz limite Marabá – Parauapebas. O nome significa Grande Rio Branco em língua indígena ou Rio de Águas rasas (segundo o autor). “O Rio Itacaiúnas corre em direção sudeste até receber as águas do Rio Volta Grande ou Aquiri seu afluente da margem esquerda, que faz limite Marabá – Parauapebas [...]” (p. 17). Não Dicionarizado.

Salobro

s.m. Nome de Igarapé, em cujas margens se fazia extração da castanhas, por arrendamento, depois da retirada de castanheiros do Igarapé Salobro. Essa área posteriormente tornou-se uma mina de cobre (segundo o autor), apossada por garimpeiros e posteriormente explorada pela Vale do Rio Doce. “[...] obrigando-os a mudar-se para outra área à margem do igarapé Salobro, onde continuaram extraindo o mesmo produto e formando fazenda de gados.” (p. 62). *Note:* Termo com outra acepção. Dicionarizado.

Considerações Finais

Este trabalho tinha como objetivo descrever um campo semântico da obra de João Brasil para a constituição de um vocabulário. Com isso, foram identificados 22 itens lexicais distribuídos no campo *acidentes geográficos*. Assim, a pesquisa reúne os dados representativos ao relacionar com o universo físico, histórico e sociocultural da cidade de Marabá-PA e região por meio da obra memorialística *O Castanheiro* (2001).

A constituição do vocabulário do campo semântico dos Acidentes Geográficos apresenta uma riqueza das unidades léxicas coletadas na obra, uma vez que os nomes dos rios e seus afluentes são relatados, mostrando a importância desses para o período glorioso da castanha na cidade de Marabá-PA. Os itens lexicais manifestam a cultura, a identidade e a memória do povo marabaense, tendo em vista a contribuição deste vocabulário sócio-culturalmente, assim como no aspecto linguístico.

Acreditamos que o objetivo foi concretizado, pois, a partir da amostra do vocabulário, é descrito o léxico regional, bem como são refletidos os fatos culturais, os valores, as experiências, os costumes da região, etc. Portanto, as motivações para a constituição de um vocabulário regional são concretizadas, visto que os aspectos culturais e linguísticos são evidenciados.

A constituição deste vocabulário também cumpre com o anseio de preservar um pouco da história do município, por meio dos relatos do autor sobre tipos sociais tão importantes, mas, muitas vezes invisibilizados: castanheiro, caucheiro, pescador, piloto de barco, garimpeiro, prostituta etc. que contribuíram para a formação da cidade.

Portanto, observamos que o trabalho aborda as questões de cultura, identidade e memória relacionadas ao universo linguístico. Nesse sentido, o estudo deste vocabulário revela os traços característicos da comunidade, contribuindo tanto para os níveis culturais – ao estabelecer conhecimento da formação sócio histórica do passado e do atual momento da região –, quanto para os linguísticos – para compreender a variedade do português falado no sudeste do estado do Pará –, ou seja, esse vocabulário tem um valor cultural e valor linguístico.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos Campos lexicais. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Cadernos do CNLF, vol. XV, Nº 5, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A terminologia espírita a partir do Livro dos Espíritos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 7. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 316-375.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 6. Campo Grande – MS: UFMS, 2012. p. 141-161.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.
- ANTUNES, Irlandé. O léxico da língua. In: ANTUNES, Irlandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: parábola, 2012. p. 27-49.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. 2., 1992, *Anais*. Brasília: IBICT; Paris: União Latina, 1992. p. 152-158.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. P. 129-142.
- BRASIL, João. João Brasil Monteiro. In: VALE. *Marabá, ontem e hoje*. Marabá: [s. n.], 2013.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

- COSERIU, Eugênio. *Princípios da semântica estrutural*. Tradução de M. M. Hernandez. Madrid: Gredos, 1981.
- COSTA, Renan Torres da; SOARES, Eliane Pereira Machado. O vocabulário do escritor João Brasil. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 5, p. 1-14, 2019.
- FAULSTICH, Enilde. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. *Acta Semiótica et lingvstica*, v. 15, n. 1, 2010.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.
- FRUBEL, Auri Claudionei Matos; ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do falar sul-mato-grossense: aspectos lexicográficos e socioculturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia lexicografia terminologia*, v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 153-166.
- KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, lexicografia e terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 4. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 161-175.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- MIRANDA, Félix Bugueño. O que é a macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 261-272.
- MEDEIROS, Marlene Retamal de et al. *Dicionário de Geografia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.
- NUNES, Ticiane Rodrigues. *Glossário de termos do campo lexical violência nos autos de querela do século XIX*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
- VASCONCELOS, Alessandra. Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica. In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos geosociolinguísticos no estado do Pará*. Belém: [s. n.], 2003. p. 143-154.
- VELASCO, Ideval. O léxico da pescaria em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos geosociolinguísticos no estado do Pará*. Belém: [s. n.], 2003. p. 155-171.